



> <https://doi.org/10.20396/proa.v13i00.16718>



“A rua é o lugar disso tudo”: arte de rua e modos de ocupação em Campo Grande - MS

Beatriz Silva Bogarim

> beatriz.bogarim@ufms.br

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Guilherme R. Passamani

> guilherme.passamani@ufms.br

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

PROA

Revista de Antropologia e Arte





“A rua é o lugar disso tudo”: arte de rua e modos de ocupação em Campo Grande - MS

Resumo: Este artigo faz parte de uma pesquisa maior que busca perceber modos de ocupação das ruas na cidade de Campo Grande - MS a partir de narrativas e experiências de artistas do lambe-lambe, grafite e teatro. Nesse sentido, por meio de uma pesquisa qualitativa com viés etnográfico, foram realizadas entrevistas online, em formato semiestruturado, e inserção no campo através das redes sociais dos interlocutores. A arte e as diferentes formas de ocupação nas ruas foram analisadas a partir das relações e das identificações desses sujeitos na e com a rua. Lançando mão da rua como diagnóstico fundamental da qualidade de vida urbana e característica de uma cidade. Em debate, as experimentações da arte nas diferentes modalidades que coexistem nas ruas de Campo Grande.

Palavras-chave: cidade, ocupação, Campo Grande, arte de rua.

“The street is the place for it all”: street art and occupation modes in Campo Grande - MS

Abstract: This article is part of a larger research that seeks to understand ways of occupying the streets in the city from Campo Grande from the narratives and experiences of artists of lambe-lambe, graffiti and theater. In this sense, through qualitative research with an ethnographic bias, online interviews were conducted, in a semi-structured format, and insertion in the field through the interlocutors' social networks. Art and the different forms of occupation in the streets were analyzed based on the relationships and identifications of these subjects in and with the street. Making use of the street as a fundamental diagnosis of the quality of urban life and characteristic of a city. In debate, the experiments of art in different modalities that coexist on the streets of Campo Grande.

Keywords: city, occupation, Campo Grande, street art.

“La calle es el lugar de todo”: arte callejero y modos de ocupación en Campo Grande - MS

Resumen: Este artículo forma parte de una investigación mayor que busca comprender formas de ocupación de las calles de la ciudad de Campo Grande a partir de las narrativas y experiencias de artistas de “lambe-lambe”, graffiti y teatro. En ese sentido, a través de una investigación cualitativa/etnográfica, se realizaron entrevistas en línea, en formato semiestruturado, e inserción en el campo a través de las redes sociales de los interlocutores. Se analizó el arte y las diferentes formas de ocupación de la calle a partir de las relaciones e identificaciones de estos sujetos en y con la calle. Haciendo uso de la calle como diagnóstico fundamental de la calidad de vida urbana y característica de una ciudad. En debate, los experimentos de arte en diferentes modalidades que conviven en las calles de Campo Grande.

Palabras clave: ciudad, ocupación, Campo Grande, arte callejero.



> “A rua é o lugar disso tudo”: arte de rua e modos de ocupação em Campo Grande - MS

Beatriz Silva Bogarim

 <https://orcid.org/0000-0002-1964-7512>
beatriz.bogarim@ufms.br
Mestranda em Antropologia Social
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Guilherme R. Passamani

 <https://orcid.org/0000-0001-5019-0832>
guilherme.passamani@ufms.br
Doutor em Ciências Sociais
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

1 Introdução

Este artigo é parte de uma pesquisa maior sobre os modos de ocupação das ruas na cidade de Campo Grande - MS. O debate, aqui proposto, tem como objetivo analisar algumas formas de ocupação das ruas através das relações e das identificações construídas pelos sujeitos envolvidos com esse cenário. As narrativas e experiências podem ser problematizadas de diferentes prismas. Tomamos como marco inicial compreender a ocupação das ruas de Campo Grande por meio das intervenções artísticas que nelas são operadas.

As artes de rua ganharam uma grande visibilidade em meados do século XX, como desdobramento de processos mais amplos de transformação social, econômica e cultural (MENDONÇA, 2019). O movimento daí desencadeado possibilita a novos atores sociais (geralmente das periferias) se apropriem, cada vez mais, da cidade ou de parte dela. Ampliam-se e diversificam-se os espaços públicos ocupados, resultando em novas formas de linguagem e de intervenções. Nesse âmbito, a arte de e na rua instiga a refletir sobre a vida social.

As experimentações dos artistas promovem variadas formas de apropriação dos espaços urbanos, por meio da prática e de saberes presentes em inscrições em paredes, muros e ruas, alcançando novas imagens e sons na cidade (ROCHA; ECKERT, 2016). Além disso, a dimensão simbólica dessas experimentações consiste em disputas e trocas, sendo algumas advindas das necessidades que as pessoas têm e reclamam. Os artistas que estão nas ruas, a escolhem por opção estética, pela ausência de equipamentos culturais ou dificuldade de acesso aos locais já existentes (ANICETO, 2016). Sendo assim, a estética

> “A rua é o lugar disso tudo”

urbana, na experiência de uma cidade contemporânea, possibilita pensar nesses sujeitos que, muitas vezes, reclamam por direitos e pela construção de alternativas e ocupam a cidade, ou parte dela, através da arte nas ruas.

Campo Grande, localizada no centro-oeste brasileiro, caracteriza-se como uma capital regional do Mato Grosso do Sul, e é uma cidade de porte médio. Com uma população estimada de cerca de 900 mil habitantes, foi fundada em 1899 e conta com uma extensão territorial de 8.092,951 km (IBGE, 2021). Sua localidade facilita o comércio regional, em virtude de sua zona geográfica caracterizada pelo clima tropical e vegetação de Cerrado. O estado faz fronteira com a Bolívia e o Paraguai, e detém a maior planície de inundação do mundo: o Pantanal. Estes fatores desembocam em um cenário econômico que tem o setor terciário como o principal, como no caso das atividades de comércio. Além disso, a indústria e a agropecuária também têm um papel de destaque na economia campo-grandense.

Essas características trazem à tona uma cidade construída por processos migratórios de bolivianos/as, paraguaios/as e brasileiros/as vindos de outros estados, se considerarmos a constituição populacional local. Nesse contexto, a cidade também exerce influência nos municípios a sua volta. Campo Grande destoa de grandes metrópoles, o que nos auxilia a compreender as manifestações e ocupações nas ruas.

A urbanização de Campo Grande, o seu ideal de modernização, de progresso e de desenvolvimento, estão ligados aos interesses econômicos dos grandes latifundiários da região. Essa conjunção de fatores foi determinante para que a cidade se tornasse a capital sul-mato-grossense. Esses grandes latifundiários buscavam autonomia política, administrativa e econômica para a região sul do então Estado de Mato Grosso. Em vista disso, a urbanidade de Campo Grande é resultado das articulações em torno do agronegócio. Nesse âmbito, a experiência da urbanidade campo-grandense é organizada a partir de um estilo de vida muito associado a valores do mundo rural. Para Daniel Attianesi e Guilherme Passamani (2018), as particularidades políticas, históricas e culturais de Campo Grande produzem um “urbano forjado pelo rural, são os olhos e os braços do campo que criaram a ‘cidade grande’ e as suas ‘mãos’ ainda passeiam pelas suas ruas e avenidas. [...] continua a carregar uma urbanidade esculpida pelo agronegócio. Temos, então, um urbano pra lá de rural” (p. 66).

A antropologia urbana nos mostra que a cidade se constitui a partir da intersecção entre a tradição e a prática cotidiana (CORDEIRO, 2003). Ao problematizar Campo Grande, torna-se fundamental olhar as articulações políticas, históricas e culturais, pois elas nos ajudam a compreender as relações e identificações dos sujeitos com a cidade. Campo Grande é um campo potente, uma vez que apresenta as especificidades acima destacadas em sua “urbanidade”.

> “A rua é o lugar disso tudo”

Nosso interesse é perceber processos que ganham as ruas de Campo Grande e vão além de formas arquitetônicas e urbanísticas. A rua pode ser estudada por diferentes olhares. Sob o olhar do modo de vida e as características das sociedades e culturas urbanas, por exemplo. Revela-se o poder da rua como janela de observação, “um lugar que podemos tomar como uma espécie de diagnóstico sobre aspectos fundamentais da qualidade da vida urbana e do carácter de uma cidade” (SIEBER, 2008, p. 48).

Nessa perspectiva, o lambe-lambe, o grafite e o teatro, como modalidades de produção no campo da arte de rua, estão presentes nas manifestações dos interlocutores que constituem a nossa rede. A reflexão presente neste artigo teve seu início a partir do segundo semestre de 2020, momento atravessado pela incerteza da pandemia de Covid-19.

As interações começaram a partir de uma etnografia de rua, em que o pesquisador constrói o conhecimento da vida urbana pela exploração dos espaços urbanos (ROCHA; ECKERT, 2003). Mas em razão do contexto social, econômico e sanitário da pandemia, a pesquisa alterou-se e constituiu-se por meio de interações digitais (LINS; PARREIRAS; FREITAS, 2020). Fizemos, portanto, uma etnografia online e circulamos pela cidade com os interlocutores por meio das redes sociais, de sites, de videochamadas e ligações telefônicas. Essas foram as bases para o encontro com os artistas e as ruas.

Os interlocutores foram constituindo a rede a partir de uma técnica conhecida como “bola de neve” (VINUTO, 2014). Os primeiros interlocutores, que acionamos por meio de nossas relações pessoais, indicaram outras pessoas ligadas à arte urbana e à produção cultural da cidade de Campo Grande. A partir de nossas redes de relações, fomos nos aproximando dos diferentes artistas e realizamos entrevistas online em formato semiestruturado em busca de percursos e tramas de ações cotidianas no processo de ocupação das ruas com diferentes modalidades de expressões artísticas.

Algo um tanto paradoxal, uma vez que o tema do trabalho é a ocupação das ruas. Falamos sobre ruas dentro de casa, em frente ao computador, com outras pessoas que não podiam mais estar nas ruas, lugar da expressão de seus fazeres artísticos. Refletimos sobre a arte de rua e seu diálogo com a cidade; sobre o significado da arte de rua e de sua ocupação na cena cidadina, bem como na construção da relação com quem a observa.

O artigo está organizado em três partes. Na primeira, serão apresentados os interlocutores e suas expressões artísticas e comunicacionais com e na cidade. Identificamos o seu trabalho e seu desenvolvimento nas ruas de Campo Grande. Na segunda, a arte é pensada da periferia ao centro entre o espaço, o trabalho e suas manifestações. Na última parte, a discussão será sobre o contexto de distanciamento social e os desafios enfrentados pelas intervenções artísticas nas ruas em vista da emergência sanitária de carácter pandêmico.

> “A rua é o lugar disso tudo”

2 Arte e artistas de/nas ruas de Campo Grande

As expressões de cultura de rua nos levam às origens da cultura ocidental, da Grécia antiga à Idade Média, diante de manifestações culturais e literárias. O artista de rua existia com a figura dos mímicos, palhaços, artistas de circo, entre outros. A arte de e na rua surge para além do mito da fundação da cidade moderna. Alguns apontam a linguagem da arte de rua como “herdeira de outras disciplinas no campo das artes como as histórias em quadrinho e os outdoors, as obras dos comics underground” (ROCHA; ECKERT, 2016, p. 27).

Nos diferentes manejos e técnicas ao longo do tempo, encontram-se o lambe-lambe (cartazes fixados com cola), as *tags* (identificadas como a assinatura de quem escreve nas ruas) e o grafite (variação entre letras, personagens, figura ou abstrato)¹. No Brasil, a arte de rua, ou a arte em contexto urbano, ganhou destaque na década de 1970, na cidade de São Paulo. A estética não estava ligada ao belo², bastava transmitir uma mensagem, como alternativa de comunicação, denúncia de pessoas marginalizadas que vivem nas periferias do país.³

O fenômeno de internacionalização das artes de rua que surge em meados do século XX, se deu a partir de processos de mudanças sociais no redesenho de funções socioeconômicas e da multiplicidade de atores sociais de bairros tidos como segregados “que desordenam as vontades burocráticas de conter os espaços, de fixar usos de lugares, de enquadrar deslocamentos” (ROCHA; ECKERT, 2016, p. 26).

O nosso universo é o da arte de rua na cidade de Campo Grande. Nele, Leonardo Mareco, morador da zona sul de Campo Grande, preto, 23 anos e periférico se identifica como artista visual. A capital campo-grandense é composta por 79 bairros, que integram sete diferentes regiões: Centro; Segredo, ao norte da região central; Prosa, a nordeste e leste; Bandeira, a sudeste e a parte do sul; Anhanduzinho, a sul e sudoeste; Lagoa, a sudoeste e Imbirussu, a oeste.

A área central constitui uma espécie de coração da cidade, onde os principais eventos e ações acontecem. Ao observar os bairros ao redor, nos deparamos com iniciativas artísticas ou de cunho questionador que procuram destacar as diferenças que constituem as

1 Explicação sobre as diferentes formas de arte urbana, apresentada pelo artista visual Leonardo Mareco durante entrevista realizada em 16/09/2020.

2 A estética ligada ao belo corresponde a manifestações artísticas de caráter institucional ou empresarial, tendo como ponte a comercialização dessa arte. Dessa forma, primordialmente no período da ditadura civil-militar, as artes nas ruas eram tidas como marginalizadas. Na atualidade, ainda existem debates sobre o trabalho de artistas de rua na busca por conquistar posição de destaque no mercado de arte.

3 Dados sobre a arte de rua no Brasil retirados do site Histórias das artes, em referências bibliográficas. Disponível em: <<https://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-seculo-20/arte-de-rua/>>. Acesso em: 10 jul. 2021.

> “A rua é o lugar disso tudo”

peças de Campo Grande. Leonardo Mareco é morador do bairro Caiçara, localizado na região sul da capital. Ele foi inserido no campo das artes quando ainda mais jovem, através das intervenções na rua Leonardo. quase não desenhava e começou com a pichação:

Precisava me expressar de qualquer forma, moleque curioso, pá, comecei a pichar e no meio desse movimento fui conhecendo outro tipo de galera, galera do grafite, galera do skate e isso fez com que conhecesse outras vertentes de arte...

Na época que iniciou sua expressão urbana, em comparação com o momento atual, o número de artistas nas ruas de Campo Grande era maior, segundo Mareco. A aproximação dos artistas se dava por meio da criação de coletivos, descritos como “tribos” e *crews*⁴. Tais coletivos reuniam grupos de pichadores e de grafiteiros. Nesse contexto, a constante repressão nas práticas de arte nas ruas, pelas mídias, polícia e/ou políticas da cidade fez com que esses coletivos desaparecessem ou se reorganizassem de outras formas. A repressão fez com que Leonardo Mareco repensasse suas manifestações artísticas. Ele voltou a ocupar os muros com o lambe-lambe, por acreditar ser uma intervenção mais rápida e conseguir “passar batido” pelas ruas.

Dessa maneira, os sujeitos são obrigados a repensar a sua existência e planejar modos de resistência nesse espaço. Segundo Carminda André (2011), a intervenção urbana se configura como “modos de resistir a espetacularização da vida, sua homogeneização” (p. 438). Ela propõe pensar a arte como um meio para resistir, “recusar a continuar a alimentar práticas e dispositivos de poder que reproduzem a segregação, o separatismo, a desigualdade” (ANDRÉ, 2011, p. 432).

Nesse contexto, a intervenção urbana não é definida apenas por uma categoria estética. Está no âmago dessa intervenção o empréstimo de várias formas estéticas. Dependendo de como os artistas conseguem transformar seu momento de ação para promover a intenção de outros usos do espaço, do corpo e/ou dos discursos. Fernando Cruz, preto, 57 anos, ator do Teatro Imaginário Maracangalha, fala sobre o resultado de sua trajetória de arte na rua:

Uma trajetória de acúmulo, de referências da minha vida. Na minha formação do teatro de rua, o grupo foca nisso na pesquisa, estética e política na ocupação da rua. Aí tem nas suas vertentes pensar a rua na sociedade, o diálogo com a cidade, o estar na cidade, a rua como as rugas ou as rugas do latim que são as marcas do caminho das pessoas que geram as ruas e aí começa uma pesquisa sobre a estética para trabalhar na rua levando em conta todo esse conteúdo...

4 Como exemplo, no ano de 2011, o coletivo de cultura urbana Papo de Rua reunia grafite, break, rap e festivais na cidade de Campo Grande – MS.

> “A rua é o lugar disso tudo”

As intervenções urbanas nos ajudam a pensar no espaço público. A rua, como parte do espaço público, pode ser discutida como lugar de passagem, anonimato e de impessoalidade. Rosana Pinheiro-Machado (2003), ao observar a ocupação das ruas do centro de Porto Alegre por camelôs, discorre sobre as formas de sociabilidade de vários grupos coexistirem e interagirem nesse mesmo espaço urbano. Segundo Pinheiro-Machado, os camelôs aliados a outros atores, transitam pelas ruas e formam quadros do cotidiano. A passagem das ruas de maneira corriqueira, nos oferece milhares de cenas que são produzidas e desfeitas aos olhos de quem a observa.

O lugar de passagem das ruas permanece em trânsito ou espera, onde pessoas de camadas baixas, medias e altas estão presentes. Nos deparamos com grupos populares que se apropriam desse espaço e reinventam o sentido dessas “vias de passagem”. A rua é esse local em que várias pessoas passam diariamente. Esse trânsito é dimensão fundamental da inspiração para a realização do artista de rua.

Na ideia de vias de passagem pelas ruas, grupos ou indivíduos se apropriam desses espaços, aqui apresentados através do lambe-lambe, grafite e teatro de rua. A durabilidade que a arte de rua nos oferece, por conta de inúmeras interrupções e interações, mostra o caráter dinâmico das ruas. Essas interrupções podem partir de repressões⁵ contra a própria arte, de fenômenos naturais como chuva e vento, além do próprio tempo.

A partir desses fatores, o trabalho nas ruas vai se degradando. Existe esse sentido de fragmento da ocupação feita através de manifestações artísticas. A ação dos artistas urbanos, enquanto sujeito criador (KAPLAN, 2011), aparece em forma de movimento. O corpo e suas obras são tidos como únicos. As individualidades são deixadas de lado e suas articulações artísticas assinam a cidade pelos vestígios de seus passos.

O grafiteiro Sanderley Sabergue Martinez (San), morador da zona sul, pardo, 28 anos, atua em Campo Grande há 10 anos. O seu trabalho com o grafite deriva do hip hop e sua escrita dialoga com a ocupação da cidade. Em seu portfólio, ele conta com performance de palhaço e declamação de poesia pelas ruas. Para San, o grafite sempre esteve presente em sua vida, mas ainda não a entendia como a própria comunicação entre sujeito e cidade. Foi por meio do skate que ele teve esse interesse despertado, pois o skate o fez caminhar e ver as ruas, praças e os grafites. Jean-Michel Basquiat é usado como referência⁶. Essa inspiração auxiliou San com o uso das cores para construir os seus desenhos.

Outra modalidade de ocupação das ruas de Campo Grande é apresentada a partir do teatro. O Teatro Imaginário Maracangalha (Maraca) atua desde 2006 na cidade. O Maraca

5 Segundo os interlocutores, as repressões se configuram através das mídias, polícia e políticas da própria cidade que dificultam o uso dos espaços públicos.

6 Jean-Michel Basquiat, artista estadunidense dos anos 70-80. Grafiteiro e ativista cultural que se destacou pela mistura de linguagens e referências.

> “A rua é o lugar disso tudo”

estuda, investiga, pesquisa e cria no campo do teatro de rua e de espaços não convencionais para encenação. O grupo parte da pesquisa, estética e política na ocupação de rua. Paulo Augusto, preto, 28 anos, ator profissional e membro do Maraca, conheceu o grupo enquanto andava de ônibus pela cidade. Ele conheceu o trabalho, aproximou-se e continuou, desde então, na rua com eles:

O teatro de rua, que é pelo menos o que a gente acredita, tenta trazer essa volta. A volta à rua porque o teatro sempre foi de rua. A origem do teatro é na rua e aí os processos históricos fizeram o teatro que a gente conhece hoje. O circo também sempre foi de rua porque era um lugar que as pessoas se manifestavam mais facilmente.

O teatro de rua como ocupação da cidade conduz reflexões sobre o fenômeno urbano e sua complexidade. Nestor Garcia Canclini (2005) expõe dois aspectos do urbano nesse contexto: a experiência de habitar a cidade e as representações que os habitantes fazem dessa cidade. Nesse enlace, Carreira traz o teatro de rua como ocupação, para discutir a cidade e formas alternativas para organização do espaço:

[...] um teatro de ocupação não pode ter a pretensão de dialogar com toda a cidade, mas interfere de forma decisiva nos segmentos que ocupa e ali pode ter uma potência significativa, pois sua dimensão se definirá em relação aos limites – ainda que flexíveis e mutáveis – do respectivo segmento (CARREIRA, 2018, p. 13).

O teatro presente na ocupação das ruas, se associa às próprias características do urbano. Carreira ainda descreve as linguagens da cena do teatro como vozes políticas ativas “pois definem dialogar com normas, usos e procedimentos que definem o espaço como público” (CARREIRA, 2018, p. 13). Os atores do Maraca mencionam essa ação como “transgressora”. A transgressão opera a partir da música, da indumentária e expressões corporais.

Produz atores através de debates, seminários, oficinas de teatro, atuação e formação política que, nas ruas de Campo Grande, buscam alcançar os cidadãos pelas apresentações do grupo. Nesse caminho, segundo o relato dos interlocutores, descobrir as ruas é fundamental. Compreende-se, então, as ações dos sujeitos e a ideia da cidade como um organismo vivo e em profunda interação (CARREIRA, 2018, p. 17). Desse modo, o debate da arte urbana, entre o domínio e a técnica, propõe o diálogo entre a arte e a cidade, pois a arte de rua está nesse ambiente dinâmico, em que são criadas e recriadas constantes possibilidades de interação, mesmo diante de tantos desencontros e repressões de caráter prático e simbólico das relações de poder na cidade. As diferentes formas de manifestações artísticas nas ruas carregam o potencial de percepção da rua e seu entorno como um processo, um devir, um fazendo. É desse jeito que a produção estética é pensada tendo como pauta a própria cidade.

> “A rua é o lugar disso tudo”

As experimentações dos artistas passam pela apropriação dos espaços. No primeiro momento, existe a percepção da cidade sobreposta ao cotidiano do seu deslocamento. Depois, as ruas são vistas como local de ação e comunicação. Por fim, resulta no seu encontro de estilo artístico e gera sua produção pela cidade. A arte em contexto urbano, como descrita acima, é construída na ideia do discurso de cada sujeito e sua compreensão entre seu cotidiano, cidade e arte.

As histórias e embates dos artistas nas ruas ecoam entre o processo e a prática das diferentes manifestações artísticas, por essa razão, “a rua é o lugar disso tudo”⁷. As escolhas para o lambe-lambe, grafite e peças de teatro adentram o sujeito como artista e se encontram no cotidiano das ruas de Campo Grande, em que levam questões, reflexões sobre a cidade e concepções do próprio ator social. Em relação a quem observa essas manifestações nas ruas: é possível diferenciar o modo de produção artística nas ruas da periferia ao centro da cidade? Quais signos artísticos estão presentes no centro da capital sul-mato-grossense?

3 Da periferia ao centro de Campo Grande: “a cultura da arara e da capivara”

A ocupação da arte de rua na cidade supõe entender a sua trama urbana, as formas de apropriação e as maneiras de diálogo entre as manifestações artísticas e o próprio espaço público. Dessa maneira, a arte urbana está dada para refletir sobre os espaços urbanos e a vida política nas ruas. De acordo com Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha (2016), as intervenções artísticas estão sob o domínio da ética e da técnica. Em vista disso, a dita estética urbana propõe interferir na vida dos habitantes, na forma que observam sua própria rua, bairro e cidade.

As cidades têm suas dimensões simbólicas formadas por monumentos, espaços vazios, praças e avenidas. Surgem daí as disputas e trocas por esses espaços. Nos estudos de Flávio Aniceto (2016), os artistas de rua são postos entre a ação de cidadania e a promoção de direitos culturais. Segundo Aniceto, o artista procura sua autonomia no modo de ocupação das ruas através de seu discurso e ação cultural. Denominamos esses fazeres artísticos ao longo da pesquisa como manifestações, intervenções ou trabalhos. Nesse contexto, a arte nas ruas tem, em sua prática, a cultura como um direito. Mas essa arte está por toda cidade?

Os interlocutores foram questionados sobre como é o processo de escolha dos locais de intervenção nas ruas. Questionamos se existiria diferença entre ocupar um local abandonado na periferia e outro no centro da cidade. Além disso, a percepção da arte nas

⁷ Fala de Fernando Cruz, ao descrever como se deu o início de seu trabalho nas ruas de Campo Grande. Ao relatar sua participação no teatro, carnavais e manifestações: “A rua é o lugar disso tudo”.

> “A rua é o lugar disso tudo”

ruas por meio da relação com quem observa, utiliza ou frequenta esses fazeres artísticos. Desse modo, Leonardo Mareco destaca seu trabalho com o lambe-lambe em locais abandonados da cidade:

A gente faz um trabalho em local abandonado no centro, percebo que as pessoas notam de imediato por ser centro local de grande fluxo e também por não ter ocupação dos cidadãos. Na periferia as pessoas infelizmente, não as pessoas, mas digo a sociedade em geral, elas têm aquele preconceito de que está feio, da estética da periferia é sempre “feio” e “sujo”, mas é muito louco ocupar bairros afastados. A gente consegue levar arte, transmitir um pouco, tirar dos grandes centros...

A “estética da periferia” que a arte de rua carrega se intensifica nas regiões centrais, por serem locais de grande interesse econômico. As intervenções no centro são percebidas de imediato, pela ideia de estarem “sujando” ou “degradando” o espaço público. O grafiteiro San Martinez fala sobre a arte no centro da capital sul-mato-grossense. Ele aponta as pinturas nos prédios e fachadas dos pontos comerciais como “a cultura da arara e da capivara”. A imagem local tem relação com a natureza. Em vista disso, a ideia da pichação e do grafite não é bem-vinda no centro porque haveria uma noção naturalizada de que o centro precisa ser um local “limpo” e a pichação o “sujaria”. Nesse caminho, a cidade está subordinada a refúgios do seu valor de uso e de troca:

A cidade e a realidade urbana dependem do valor de uso. O valor de troca e a generalização da mercadoria pela industrialização tendem a destruir, ao subordiná-las a si, a cidade e a realidade urbana, refúgios do valor de uso, embriões de uma virtual predominância é de uma revalorização do uso (LEFEBVRE, 2001 p. 14).

A estetização dos espaços públicos é orientada pelo comércio, dinheiro e produtos. Por essa razão, tendem a zelar por operações de “limpeza” e “ordem” urbana. As cidades, nessa noção, são tratadas como cidades-produto e esvaziando-se das características locais. Nesse contexto, Flavio Aniceto (2016) acredita na necessidade do cidadão de culturas ditas “populares” ou “periféricas” se fazer presentes nas cidades. Dessa maneira, a ocupação das ruas, aparece como alternativa da “cultura periférica” por grupos e artistas de rua para protagonizarem nos espaços públicos. Essa ocupação altera as cidades, ao dar vida a outros sujeitos (e suas relações), que seriam excluídos do espaço hegemonicamente urbanizado.

No intuito de perceber continuidades e/ou deslocamentos na arte de rua da periferia ao centro, é possível identificar, por meio dela, as particularidades de comportamento, linguagem, moda e cultura das cidades. O desenho desenvolvido por Sanderley Martinez apresenta um personagem do grafite que tem como tema a cidade de Campo Grande. No grafite de San, a bandeira da cidade aparece cobrindo o rosto do personagem escrito

> “A rua é o lugar disso tudo”

“faça você mesmo”. Além disso, acompanham as seguintes frases: “a cidade cresce, tudo crescerá”; “aonde a cultura não entra, a violência, a hipocrisia, o descaso, vira espetáculo”.



Figuras 1 e 2 – Grafite de Sanderley Martinez. “Faça você mesmo”. Fonte: Arquivo pessoal de Beatriz Bogarim.

> “A rua é o lugar disso tudo”

A arte de rua como ética e técnica está presente nas formas urbanas e tem, em seu modo de operar, o potencial sensível em suas formas de ver, pensar e fazer-se nesse contexto. O grafite de Martinez ressalta a cultura periférica nos muros e nas ruas como uma necessidade para conseguirmos pensar a cidade e na violência. Também nos ajuda a perceber que há um descaso com a arte de rua e isso pode virar espetáculo para deslegitimar o artista, sua ação e contestação. Nesse sentido, a cidade no seu valor de uso e de troca prioriza a arte como produto. Mesmo a produção artística sendo produzida em toda a cidade, apenas uma perspectiva (do produto⁸) é considerada.

Dessa maneira, retomamos a ideia de Henri Lefebvre (1968), em que ele aponta as cidades subordinadas ao seu valor de uso. Ele fala sobre o direito à cidade diante de usufruir da centralidade por uma lógica contra a da produção capitalista. Para compreender esse direito seriam necessárias reflexões para definir as formas, funções e estruturas da cidade no viés econômico, político e cultural. Isso exigiria procurar um sistema de significação dos próprios habitantes para construir e orientar a prática social. A arte aparece para compreender a sociedade e construir o direito a cidade.

A arte, para Lefebvre (1968), aparece na música pela sua apropriação do tempo, na pintura e escultura como apropriação do espaço. Sua teoria integra a cidade e a sociedade urbana pelos recursos da ciência e da arte. Nesse contexto, a arte e os artistas (aqui, os que atuam nas ruas) manifestam o papel de “amortização dos conflitos”⁹. A ocupação das ruas pelas manifestações artísticas apresenta alternativas para outra culturalização das cidades, não só aquela da espetacularização do dinheiro e interesse político.

Como outro exemplo das intervenções em Campo Grande, está o Sarobá. De todas as manifestações aqui apresentadas, no Sarobá, o lambe-lambe, o grafite, o teatro, a dança e a música se encontram. O evento é realizado pelo Teatro Imaginário Maracangalha há, pelo menos, dez anos e é descrito como um espaço democrático de direito histórico, que busca fortalecer a vida cultural ocupando os espaços públicos.

Hoje o SAROBÁ faz parte da vida cultural de Campo Grande aprofundando o conhecimento sobre a cidade, seu povo e a arte produzida aqui, integrando a comunidade, apostando na autogestão como forma de difusão das artes (MARACANGALHA, 2019)¹⁰.

O Sarobá resulta em um movimento de múltiplas linguagens artísticas. O seu princípio parte de desvendar lugares esquecidos ou, muitas vezes, não conhecidos/valorizados na

8 O produto é entendido através da espetacularização dos espaços ligados ao dinheiro. Dessa forma, resultando em cidades-produto, tendo como potencial a exclusão social e cultural de atores sociais tidos como periféricos.

9 Termo utilizado por Flavio Aniceto (2016) para descrever a arte e o artista em decorrência da ordem pública e acesso à cultura de cidades-produto.

10 Informações presentes no blog Imaginário Maracangalha. Em referências bibliográficas.

> “A rua é o lugar disso tudo”

cidade. Além disso, resgata a história de Campo Grande e de seus moradores. O evento acontece em praças, botecos e se estende até as ruas. O evento tem em seu histórico seminários que discutem as vivências da arte em relação com a cidade, o direito à cidade, diferentes comportamentos na cidade, arte contemporânea, arte e política na fruição da arte da rua.¹¹ Desse modo, o Sarobá compreenderia a arte como forma potente de ocupação das ruas na expectativa de reinventar locais vazios ou esquecidos/desvalorizados e romperia com o fluxo de uma rua criada apenas para o capital.

O Sarobá pode ser percebido como um exemplo da potência da cultura dita “periférica” em comunicar e, muitas vezes, exigir o seu direito e uso plenos da cidade. Tal mobilização vai além, pois busca ressignificar lugares esquecidos, tidos como marginais ou até vazios, conforme mostramos a partir do lambe-lambe, grafite, do teatro e do evento Sarobá. A ideia que subjaz este processo seria o da ocupação das ruas como uma forma de encontro entre narrativas populares campo-grandenses e a arte produzida na cidade.

4 A arte de/na rua em contexto de distanciamento social

No contexto da pandemia de Covid-19, a contenção do vírus residiu na necessidade de distanciamento social. A relação com a cidade e com o seu cotidiano mudou repentinamente a partir de março de 2020. Todos os trabalhos e planos dos artistas de rua (e de todas as pessoas do planeta) tornaram-se incertos. No mês de fevereiro de 2020, as ruas estavam tomadas por aglomerações comemorando o carnaval. Já no mês seguinte, havia o registro dos primeiros casos de Covid-19 no estado.

Como dito antes, a nossa própria pesquisa teve que adaptar-se em vista da situação pandêmica e de emergência sanitária. O cotidiano sofreu inúmeras interferências de ordens variadas, que alteraram, de forma repentina, a vida das pessoas. Além disso, nos primeiros meses, havia uma considerável falta de informações sobre o vírus, pois ninguém sabia, ao certo, responder de forma precisa sobre o SARS-CoV-2. O começo da pandemia, como descrito pelo produtor cultural de Campo Grande, Kenzo Minata, “foi uma rasteira no escuro”. Todos os planos para o ano de 2020 ficaram em suspenso, pois a incerteza envolvia os diferentes âmbitos da vida. Por conseguinte, muitas iniciativas foram adiadas, canceladas ou reformuladas.

As condições de trabalho dos artistas foram impactadas de forma generalizada devido à crise econômica que afetou o setor das artes e da cultura. No que diz respeito ao caso particular da cidade de Campo Grande, nos questionamos, em relação à arte de rua: como a pandemia alterou o trabalho desses artistas? Será que eles seguiram nas ruas?

¹¹ Seminário “Arena Aberta-poéticas além das margens”, realizado em 24 ago. 2019.

> “A rua é o lugar disso tudo”

O cotidiano alterou-se drasticamente. O uso de máscaras e a necessidade do distanciamento social passaram a ser uma necessidade nova. As mudanças foram observadas na rotina particular de cada sujeito e refletiram no seu trabalho, estudo e modos de lazer. A partir dessa incerteza dos primeiros meses, houve a implementação de um auxílio emergencial por parte do Governo Federal aos profissionais da cultura.

O benefício recebeu o nome de “Lei Aldir Blanc”. Por meio do Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020, foram liberados R\$ 3 bilhões para o auxílio de artistas e estabelecimentos culturais. As ações emergenciais destinadas ao setor cultural também foram geridas pela Lei Paulo Gustavo (Lei Complementar nº 195, de 08 de julho de 2022), que dispõe o repasse de R\$ 3,862 bilhões a estados, municípios e ao Distrito Federal para combater os efeitos da pandemia da Covid-19 sobre o setor cultural.

Em vista dos impactos sofridos pela quase total inviabilização da atuação dos artistas de rua, que ficaram sem capital durante o período de distanciamento social, alguns deles usaram as redes sociais como uma forma alternativa de captação de recursos (CASTRO; ROCHA; SANTOS, 2020). O uso das plataformas digitais e a realização de *lives* foram algumas alternativas encontradas para que seguissem em contato com as pessoas, mesmo que em outros formatos. Sob os impactos do momento e os desafios do processo de adaptação ao contexto de emergência sanitária, foram publicados editais de fomento e festivais com o foco em produções realizadas durante a pandemia, quase sempre no formato online, como forma de socorrer o setor.

Sobre o contexto pandêmico, Leonardo Mareco interpretou a situação do artista de rua da seguinte forma:

O fato de ter que ficar em casa para o artista de rua isso é abominável, mas eu tenho uma produção também de ateliê e aí busquei concentrar minhas forças, minhas atividades nessa produção, no início da quarentena. Só que chegou um determinado período que eu notei que as pessoas não estavam respeitando essa quarentena, e eu precisava fazer alguma coisa ali porque a arte também serve como alerta uma forma de conscientizar as pessoas... porque é na rua que as pessoas estão, tudo está fechado agora, teatro etc., aí a arte da rua tá aí...

Leonardo Mareco produziu a intervenção chamada “Ponto de Higiene”. Através do *lambe-lambe*, como ferramenta de comunicação democrática e de conscientização, a figura remete a um mordomo segurando uma bandeja com álcool em gel. Há uma corda de nylon pendurando garrafas com água e sabão para serem utilizada ali no local. Essas intervenções foram instaladas na Vila Planalto e na Avenida Júlio de Castilho, localizados na região central de Campo Grande. A região central vai para além da centralização do comércio, corresponde a maior concentração de população idosa da cidade. Essa área conta com a presença da Orla Morena, importante para o lazer e o Horto Florestal, com biblioteca, pistas esportivas e espaço para oficinas de arte.

> “A rua é o lugar disso tudo”



Figura 3 – Identificação da região central e Segredo. Fonte: <https://aquelemato.org/>. Acesso em 16 abr. 2023.

No início, a ideia surgiu em colocar a intervenção perto de pontos de ônibus, por isso carrega o nome “Ponto de Higiene”. A arte está exposta como forma de sensibilizar e levar à reflexão acerca da pandemia.



Figura 4 – Lambe-lambe durante a pandemia. “Ponto de Higiene”, de Leonardo Mareco. Fonte: Arquivo pessoal de Beatriz Bogarim.

> “A rua é o lugar disso tudo”

Após essa intervenção, Mareco participou de uma ação junto à Central Única das Favelas (CUFA) no bairro Centro-Oeste, onde localiza-se a Comunidade Só por Deus. A região é chamada de Anhanduzinho e possui os bairros mais populosos da cidade. A partir de cada bairro surgem diversos loteamentos em que desenvolvem as características da região:



Figura 5 – Identificação da região Bandeira e Anhanduzinho. Fonte: <https://aquelemato.org/>. Acesso em 16 abr. 2023.

Por meio da arte visual e sua trajetória nas ruas, Leonardo percebeu que o período pandêmico reflete não apenas no caráter sanitário, mas também no social. Nesse contexto, a realidade da comunidade de moradia com restos de materiais, sem esgoto, água encanada ou falta de energia elétrica proporcionam debates das diversas problemáticas da sociedade contemporânea. Desse modo, o artista se questionou sobre o cotidiano nas cidades, sendo esse cotidiano diferente para cada sujeito e desenvolveu o lambe-lambe intitulado “Aqui o isolamento social sempre existiu”.

> “A rua é o lugar disso tudo”



Figura 6 – Lambe-lambe durante a pandemia de Leonardo Mareco. “Aqui, Isolamento Social Sempre Existiu”. Fonte: Arquivo pessoal de Beatriz Bogarim.

No contexto da pandemia, as intervenções do “Ponto de Higiene” ocupam a rua como uma forma de alerta e de cuidado em relação às precauções em torno da higienização necessária durante esse período. Desse modo, ela representa as ações que devem fazer parte do cotidiano para combater a doença. Em contraponto, está o cotidiano na comunidade Só por Deus, que traz o contraste social de uma realidade anterior à pandemia. Nessa segunda obra, Mareco questiona as preocupações e precauções recorrentes a pandemia através da realidade dessa comunidade. A partir desse contexto, o isolamento social da pandemia do SARS-CoV-2 é posto para quem? A intervenção nos faz pensar nas próprias medidas de conter o vírus face os contrastes econômicos e sociais presentes no cotidiano.

Segundo Ricardo Gustavo Garcia de Mello (2020), esse momento não é um problema pontual ou individual, mas um problema social. Em várias realidades do cotidiano, a arte de rua em Campo Grande procura promover debates para conscientizar e alertar acerca de problemas de infraestrutura nas comunidades, necessidade do uso de máscaras e a urgência distanciamento social como formas eficazes de conter a circulação do vírus. Esses são alguns pilares que fizeram com que a arte na rua continuasse a ser

> “A rua é o lugar disso tudo”

produzida durante a pandemia, ainda que de forma bastante diferente em relação ao período anterior à emergência sanitária.

No contexto do distanciamento social, a rua continuou no cotidiano da cidade. Surgiram intervenções para pautar temas que emergiram com a pandemia. Como relato dos próprios interlocutores, a pandemia afetou a produção desses artistas em vista da necessidade de pausa nos trabalhos e, principalmente, teve reflexos na parte econômica e cultural da cidade. No entanto, a arte de rua tentou manter sua veia democrática ao insistir na promoção do diálogo com as diferentes pessoas que habitam e circulam nas ruas.

5 Considerações finais

As análises aqui produzidas sobre a arte de rua em contexto urbano tentaram olhar para algumas manifestações a partir da cidade de Campo Grande. Entre as diferentes práticas e modos de ocupações, propusemos reflexões sobre a relação dos sujeitos com a cidade. Percebemos que os nossos interlocutores compreendem a arte que fazem como uma potente estratégia de comunicação, denúncia e conscientização. Se o lugar da arte de rua tem sido, primordialmente, os bairros periféricos e mais pobres, tendo essa experiência ligada ao surgimento de novos atores sociais das periferias, é importante a paulatina circulação desses artistas em outros locais da cidade. Isso os leva a produzir no enfrentamento pelo direito (deles e da arte que produzem) à cidade.

Desse modo, a produção artística é resultado de trajetórias pessoais e coletivas nas ruas. A apropriação do espaço central, nesse ínterim, talvez nos revele a emergência que cada modalidade de manifestação artística sente de comunicar, bem como os grupos de sujeitos que funcionam como público-alvo. Tal arte constitui um circuito capaz de entender a rua e se apropriar dela. Nesse processo, são testados diferentes meios e modos de intervenção. Isso implica considerar a cidade e suas dimensões simbólicas, sua história, suas disputas e trocas.

A rua, vista como essencial para quem a tem como palco, tela, comunicação e vida, precisou ser repensada no contexto da pandemia de Covid-19. Nesse artigo, conseguimos problematizar alguns momentos iniciais da emergência sanitária, pois foi o tempo coberto por nossa pesquisa. No entanto, já foi possível perceber a resignificação empreendida nas estratégias de intervenção em uma realidade de distanciamento social.

Em vista disso, as diferentes narrativas e experiências desses artistas resultam no modo de identificação em que são inseridos na confluência da cidade. Através de Campo Grande como *locus* da pesquisa, observamos, por meio dos interlocutores, a importância da ocupação das ruas pela arte, por meio de diferentes linguagens. A estética “periférica” e “urbana” formam uma rede de expressões pela interação com os elementos arquitetô-

> “A rua é o lugar disso tudo”

nicos e urbanos. Entender as narrativas presentes nas ocupações das ruas é uma possibilidade privilegiada para refletir sobre os espaços urbanos e suas relações fundamentais entre os indivíduos e seus coletivos. Nesse âmbito, o lambe-lambe encontra seus desenhos colados nos muros, o grafite as cores de seus desenhos e o teatro o seu palco pelas ruas. As ocupações artísticas nas ruas estão submetidas às cidades. Elas não procuram purificar e condensar esse cenário. Essas manifestações procuram estetizar seus clamores, suas ausências e suas urgências.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA:

Beatriz Silva Bogarim: realização da pesquisa, produção dos dados e escrita.

Guilherme R. Passamani: realização da pesquisa, produção dos dados escrita,

FINANCIAMENTO:

Pesquisa realizada com financiamento do CNPq, por meio de bolsa de iniciação científica 2020/2021.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Carminda. Arte, Biopolítica e Resistência. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 426-442, dez. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2237-266021497>. Acesso em: 16 abr. 2023.

ANICETO, Flávio. Cultura e direito à cidade: artistas de rua, ação de cidadania e promoção de direitos culturais. In: RUBIM, Albino (org.). **Política cultural e gestão democrática no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2016. p. 187-199.

AQUELE MATO. **Um giro na sua região - Centro e Segredo**. 2018. Disponível em: <https://aquelemato.org/um-giro-na-sua-regiao-centro-e-segredo/>. Acesso em: 2 jul. 2021.

ATTIANESI, Daniel; PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. Um urbano pra lá de rural: as particularidades políticas, históricas e culturais que transformaram campo grande de arraial a capital. **Cadernos do Leparq (UFPEL)**, Pelotas, v. 15, n. 30, p. 56-68, 30 nov. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15210/lepaarq.v15i30.13228>. Acesso em: 16 abr. 2023.

CANCLINI, Nestor García. **Imaginários Urbanos**. Buenos Aires: Eudeba, 2005

CARREIRA, André. Teatro de rua como ocupação da cidade: criando comunidades transitorias. **Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 2, n. 13, p. 11-21, 11 dez. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5965/1414573102132009011>. Acesso em: 16 abr. 2023.

> “A rua é o lugar disso tudo”

CORDEIRO, Graça Índias. A antropologia urbana entre a tradição e a prática. In: CORDEIRO, Graça Índias; BAPTISTA, Luís Vicente; COSTA, António Firmino da (org.). **Etnografias Urbanas**. Oeiras: Celta, 2004. p. 3-32.

CASTRO, Eduarda; ROCHA, Camila; SANTOS, Éber. Marcas urbanas e Covid-19: a reinvenção da arte urbana e sua relação com o desenvolvimento sociocultural. **Revista H: Tec Humanidades e Tecnologia**, v. 4, Edição Especial EIC. p. 6-222, nov., 2020.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Etnografia de Rua: estudo de antropologia urbana. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 4, n. 7, p. 1-22, 30 jun. 2003. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22456/1984-1191.9160>. Acesso em: 16 abr. 2023.

IMBROISI, Margaret; MARTINS, Simone. **Arte de Rua**. História das Artes, 2021. Disponível em: <https://www.historiadadasartes.com/nomundo/arte-seculo-20/arte-de-rua/>. Acesso em: 10 jul. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Área territorial brasileira 2020**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ms/campo-grande.html>. Acesso em: jan. 2022.

KAPLAN, Rosane dos Santos Cantanhede. Arte de rua: superfícies e circuitos. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 20º, 2011, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: ANPAP, 2011. p. 1-8. Disponível em: https://www.academia.edu/3839274/ARTE_DE_RUA_SUPERF%C3%8DCIES_E_CIRCUITOS. Acesso em: 16 abr. 2023.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LINS, Beatriz Accioly; PARREIRAS, Carolina; FREITAS, Eliane Tânia de. Estratégias para pensar o digital. **Cadernos de Campo (São Paulo - 1991)**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. e181821, 31 dez. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29i-2pe181821>. Acesso em: 16 abr. 2023.

MELLO, Ricardo Gustavo Garcia de. Pandemia e os descaminhos da Anomia social. In: IX SEMINÁRIO DE PESQUISAS FESPSP - “DESAFIOS DA PANDEMIA: AGENDA PARA AS CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS”, GT 09: Sequelas da Pandemia na democracia brasileira: exclusão, irracionalidade e autoritarismo, 9º, nov. 2020, São Paulo. **Seminário [...]**. São Paulo: FESPSP, 2020. p. 1-32. Disponível em: https://www.fespsp.org.br/store/file_source/FESPSP/Documentos/Manuais/FESPSP%20GT%2009%20-%20Ricardo%20Gustavo%20Garcia%20de%20Mello.pdf. Acesso em: 16 abr. 2023.

MERCADO, Luis Paulo. Pesquisa Qualitativa Online Utilizando a Etnografia Virtual. **Teias**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 30, p. 169-183, set./dez. 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24276/17255>. Acesso em: 16 abr. 2023.

MENDONÇA, Camila. **Arte Urbana**. 2019. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/artes/arte-urbana>. Acesso em: 12 abr. 2022.

> “A rua é o lugar disso tudo”

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. A rua como estilo de vida: práticas cotidianas na ocupação do centro de porto alegre por camelôs. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 4, n. 7, p. 1-39, 2003. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/30089>. Acesso em: 16 abr. 2023.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Arte de Rua, Estética Urbana: relato de uma experiência sensível em metrópole contemporânea. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 47, n. 1, p. 25-48, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/5676/4072>. Acesso em: 16 abr. 2023

TEATRO IMAGINÁRIO MARACANGALHA. **SAROBÁ**. 2019. Disponível em: <https://imaginariomaracangalha.blogspot.com/p/saroba.html>. Acesso em: 2 jul. 2021.

SIEBER, Tim. Ruas da cidade e sociabilidade pública: um olhar a partir de Lisboa. In: CORDEIRO, Graça Índias; VIDAL, Frédéric (org.). **A Rua**: espaço, tempo, sociabilidade. Lisboa: Livros Horizonte, 2008. p. 47-64.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 30 dez. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>. Acesso em: 16 abr. 2023.

Submetido em: 26 jul. 2022

Aprovado em: 11 abr. 2023

22

Verificado por análise de similaridade do Turnitin



“A rua é o lugar disso tudo”: arte de rua e modos de ocupação em Campo Grande - MS, de autoria de Beatriz Silva Bogarim e Guilherme R. Passamani, está licenciado sob CC BY 4.0.

